

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE ADILSON ALVES MACHADO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

Projeto: Comunicação e educação: a contribuição de narrativas imagéticas para a superação da degradação e desigualdade ambiental em Rondônia

Entrevistadora: Elisabeth Kimie Kitamura

Entrevistado: Adilson Alves Machado

Transcrição: Bolsista Daiana Cristina Silva

Transcrição da entrevista realizada no dia 28.03.2018 respeitando-se, na medida do possível, a fala coloquial do entrevistado.

Adilson Alves Machado, 46 anos, agricultor. Adilson é membro do Conselho da Pastoral da Terra e o seu nome consta na lista do Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos, da Secretaria de Direitos Humanos.

Adilson - O meu nome é Adilson Alves Machado, meu pai Benedito Machado Filho Aparecido, minha mãe Maria dos Santos Machado Aparecido também, é... foi nascido em Babosa Ferraz município Babosa Ferraz no Paraná e família de.. lá no Paraná dizia meeiro tocava arrendamento de café para os fazendeiros e meu pai, minha família, nós somos em onze irmãos é... quando viemos pra cá , depois de passado tempo já faleceu alguns e meu pai veio pra Rondônia na década de 70 no ano de 74 (final de 74) chegamos em Vilhena é pra... em busca de uma terra né, e o pessoal divulgada em televisão, o governo federal que era a terra do futuro dos agricultores pra quem não tinha terra e minha família veio pra cá no ano de 74 pra adquirir um pedaço de terra do INCRA e meu pai era mineiro, nascido em Minas, mas novo também ele foi pro Paraná, minha mãe sergipana também novinha foi pro Paraná também e a família nossa é todos paranaense nascidos no Paraná, mas a maioria é... foi criado aqui em Rondônia, eu cheguei aqui eu tinha quatro pra cinco anos de idade.

Elisabeth - E qual foi o ano disso?

Adilson - No ano de 74.

Elisabeth - Certo.

Adilson - E 1974 a gente veio em Vilhena e nos moramos em Vilhena uns dois anos mais ou menos. Meus irmão, meus pais trabalhava é... nos matos abrindo e derrubando, plantando lavoura, formando pasto pra pessoas, pros sitiantes que já tinha na região, fazendeiro. E depois é... em 75, 76 no ano de 75 pra 76, o INCRA abriu uma seleção pra assentamento pra criar assentamento de reforma agrária e daí nossa família era muito grande, mas como tinha só dois que era casado que tinha filhos, só os dois e meu pai que pôde entrar no cadastro do INCRA pra receber lote da reforma agrária. Naquele tempo o governo é... dizia que só podia ter terra quem fosse casado e tivesse filho, então tem ai meu irmão mais velho, minha irmã mais velha que depois ela faleceu também né, aqui em Rondônia de eclampse por falta de assistência, não conseguimos quando conseguiu chegar aqui em Vilhena nós morava lá em Colorado, pra frente de Colorado, ela faleceu e o neném faleceu também.... [chora].

Então é.. daí nós.. meu pai conseguiu o lote nós fomos morar lá nesse assentamento pra frente de colorado, ai eu vivi lá até meus vinte e um anos de idade na região de Cerejeiras município de Colorado, mais divisa com Cerejeiras, né. E depois a gente resolve vim pra cidade porque não conseguia muita coisa no sítio, era muito sofrido nós decidimos de ir pra cidade, meu pai faleceu em 1990 ele veio....quando ele veio do Paraná ele tinha doença de chagas, né e... dai fez vários tratamentos, cirurgias. mais ai sofreu bastante tempo e faleceu em 1990 quando a gente tava aqui em Vilhena. Nós viemos pra Vilhena pra tratamento dele e moramos um tempo trabalhando aqui de empregado, mas depois voltamos pro sítio com a morte do meu pai e minha mãe decidiu de nós vende o sitio e ir pra cidade tentar arrumar um emprego, alguma coisa. É... nós morava a 40 km de Colorado, no início quando nós chegamos lá era muito difícil tudo, pra abrir o sítio foi no machado roçado na foice, andava de a pé daqui de Vilhena em Colorado meus irmãos mais velhos andavam.

Elisabeth - Quando tempo durava esse trajeto?

Adilson - Era média de dois dias dormia lá geralmente dormia lá no "perobal" na frente por lá, ou na beira do rio Colorado, por ali tinha um buteco antigamente ali a estrada velha aqui era lá perto do posto fiscal entrava por dentro né, saia travessava na Conquista sai lá perto do rio Colorado e dai era assim, com "cacái" (cacaio) nas costas ainda, existia o famoso cacaio, pessoal era... Naquele tempo era sofrido, muito sofrido é, dai a gente vinha

fazer comprar em Colorado, não existia o município de Cerejeiras, existia Colorado que era o dono município foi criado uma vila ali, um assentamento, o nome do assentamento era Assentamento 21 , porque era vinte e uma família. Aí, no município de Colorado o nome do município era 21 , muito tempo ficou 21 , “a nós vai no vinte e um fazer comprar” e era assim, volta pra Cerejeira pra todo lado vinham em Colorado, depois que criou o [incompreensível] lá pra 78 por ai, 76 em diante, e dai fazia compra levava de a pé vinha em Colorado junto com a minha mãe, meus irmão, fazia compra e voltava de a pé pra lá 40 km e isso foi por muito tempo. Depois é... começou o 5º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção) e, o governo começou o 5º BEC o exército pra fazer pessoal que ia servir, é.. fazer estrada daí abriram essa estrada pra lá daí começou uns caras que tinham recursos a mais que veio de fora tinha uns jipão traçado e carregava o pessoal, levava e trazia, quando morria alguém, quando tava doente a maioria dava muito malária, morria muita gente. Interessante que nessa época criaram um motosserra e as derrubadas era tudo no machado e daí, nesse meio de tempo criaram os motosserra, depois foram criando o assentamento em várias região, criaram o motosserra 08 e daí, esse motosserra 08 matou muito pai de família, pessoal não sabia trabalhar com motor, ia trabalhar e daí derrubava, caíam pau de cima, si matava, matava os outros, morria muita gente e o pessoal ainda falava... tinha um costume assim que dizia que o 08 era um fazedor de viúva na época, muita viúva de gente que derrubavam mata né, e...[incompreensível]

O INCRA eles davam o sítio, um lote com um assentado e dizia assim: Oh se vocês... “a mais eu queria um lote por meu filho”, “não você vai ter esse lote se vocês formar, derrubar metade do lote pelo menos, ai nós vai dar mais um lote pra vocês, ai nos vai dar mais um lote tinha pessoal que... começava a trabalhar e derrubava, plantava e ia plantando pegava outro lote e era desse forma. Ai nos projetos do INCRA vinha motosserra no projeto lá de fomento e alguns até veneno, galão de veneno eles fornecia no projeto pro pessoal plantar, gramicil (?) vários veneno que usava pro pessoal matar o mato né, então não tinha esse incentivo pra produzir alimento saudável nem as lojas agropecuárias não se importavam com que jeito que as pessoas usava, utilizava , não informavam nada, morria muita gente intoxicada, muitos ficaram doente e hoje tão pagando caro com isso né, e na época a gente não tinha formação , tinha pessoas que... agricultores que não tinha garrafa térmica, na época não existia, tinha uns que não tinha nem aquelas moringas de barro ai

eles levavam e lavavam aqueles venenos galão de gramicil (?), usava bastante aquele carregando água pra passar nas lavouras, depois eles usavam pra carregar água naquilo pra beber mesmo, pegavam água, então assim era muito...pessoal não tinha formação nada, sofreu muito, morreu muita gente e hoje estamos vendo muita consequência do quem não morreu ainda né, ficando doente

Elisabeth - Quer dizer não tinham técnicos para orientá-los?

Adilson - Não, não existiam. A única coisa que existia pra tratar, mas hoje a gente vê que não era pra tratar era pra adoecer mais, era a SUCAM (Superintendência de Campanhas de Saúde Pública).. A SUCAM ficava 15, 20,30 dias trabalhando no lote eles tinham jipão traçado, daí eles andavam em uma bicicleta levavam uma bicicleta no jipão e eles ficavam ali 15, 20 dias trabalhando bombeando o veneno que hoje é até proibido foi né, um dos venenos que usavam pra matar os... espantar os mosquitos pra não ir levar o comprimido pro pessoal que tinha malária, então era isso que eles faziam.

Elisabeth - Agradeço essa introdução. Você e sua família tem o hábito de tirar os sapatos antes de entrar na sua casa ou na casa de seus amigos ou parentes?

Adilson - Sim! A gente tem isso ai, a família toda desde o Paraná né que veio de lá e aqui a gente mantinha também. É... mesmo assim a gente pegou um costume interessante que mesmo você entrando na casa de chão, hoje que já quase não tem mais, piso de chão batido mesmo né, a gente tinha essa costume porque daí as mulher das casas de chão batido na época, as mulher buscavam barro branco no rio e daí rebocava todo o chão ficava branquinho, o fogão de lenha, os fogão a lenha eram rebocado também de barro.

Elisabeth - Isso aonde?

Adilson - Toda região aqui em Rondônia, aqui em Vilhena onde a gente morava no sítio é e então daí, assim, você chegava a casa limpinha daquele jeito você estava trabalhando chegava ninguém entrava calçado, você não entrava calçado, mesmo que era de chão batido você tirava o calçado pra entrar porque tava limpinho o piso, não era piso mas, eles passavam barro ficava bem branquinho o chão, né? e minhas irmã, minha mãe fazia muito isso, fogão, fogão de lenha de barro batido mas, também era rebocado de barro branquinho

todo dia. Todo dia a gente tinha a tarefa de na onde a gente pegava água fazia um buraco porque, sempre dava barro perto da água, pegava água pra beber ou pra usar em casa e também tirava barro de um lugar pra ter lá perto, pra todo dia passar no fogão pra tirar o carvão das panelas que sujava o fogão.

Elisabeth - Olha só, então esse hábito ainda permanece mesmo não tendo mais chão batido?

Adilson - Mesmo não tendo, quando a gente chega a gente... pode ser chão batido ou piso, muita gente tem esse hábito.

Elisabeth - E você pra tirar o sapato não importa quem, isso é para todas as casas?

Adilson - Todas! Não importa onde você chega, quem é, quem tá chegando, ou não, um costume que a gente trouxe mesmo e desde o início a gente aqui em casa mesmo até minha netinha, essa daí não entra em casa calçado, ela chega ela já vai, aí a vó fala “não pode entrar tá limpo seu calçado, o chão tá frio vai fazer mal”. Mas ela, ela tem esse costume.

Elisabeth - Qual era a tua idade quando você chegou em Rondônia?

Adilson - Eu sou de 1971, eu tenho...vou fazer 47 anos agora e cheguei aqui em Rondônia com quatro anos de idade.

Elisabeth - Ah, bem pequeno né!?

Adilson - Unhrum

Elisabeth - Mas seu pais já preservavam esse hábito ainda lá no Paraná?

Adilson - Isso

Elisabeth - Seria um hábito relacionado com o meio rural?

Adilson - Provavelmente. Eu acredito que seja porquê, ia também eu acho de alguma região, porquê os mineiros não tinham muito esse hábito. Os mineiros, porquê meu pai era mineiro e meu vó quando veio morar com nois, minha vó, mineiros daqueles antigos lá criado toda vida lá no Estado de Minas Gerais eles viam eles não tinham esse hábito de tirar

o calçado, eles... meu pai ainda com dificuldade depois ele foi acostumando mas, ele tinha o hábito de entrar calçado tinha o..., e ai nos percebia, os vizinhos que tinha muito mineiro lá na região que nós morava é... os mineiro os capixaba, eles...

Elisabeth - Qual região, Adilson?

Adilson - De Cerejeira, Colorado. Eles não tinham esse hábito de tirar o calçado quando tava calçado, ai tinha aqueles mineiros também antigo que andavam só descalço, já andava descalço né, nós tinha um vizinho que ele ia pra cidade descalço , ele andava é 20 km, 40 km de a pé descalço, era o costume dele então alguns mineiro de alguma região tinha esse costume, então esses daí já andavam descalços mesmo, mas tem uns mineiro que eram acostumados só calçado eles não tinha muito é... esse costume de entrar dentro de casa e tirar o calçado não, do jeito que tava ele entrava.

Elisabeth - Se você puder contar um pouco dessa experiência da viagem de Cuiabá pra cá...

Adilson - Então, o sofrimento da vinda pra cá pra Rondônia era... começava de quando a gente saia de lá da cidade da onde a gente morava que a gente não tinha dinheiro pra pagar o frete de um caminhão e existia esses caminhão, era os famoso pau-de-arara, o pessoal conhecia era pau-de-arara, por quê? Porque eles pegavam o caminhão cobria de lona e pegava três quatro famílias é ... naquele caminhão e saia de lá pra cá pra aventurando não tinha lugar, não conhecia nada nem tinha nenhum parente aqui e vinha para na... no destino na primeira cidade (incompreensível) era Vilhena. De Cuiabá pra cá acho que existia outras cidades, mais aqui em Rondônia era algumas ou outras e a próxima a primeira é Vilhena. É... demorava muito tempo na média de 15 dias 10,15 dias pra chegar do Paraná aqui, o caminhão que nós veio quatro famílias juntos num caminhão só.

Elisabeth - Vizinhos?

Adilson - Vizinhos, amigos que trabalhavam junto lá no Paraná, então muita gente e... ai a gente trazia cachorro, nós vinha trazendo um carinho de animal, uma égua que nós tinha que meu pai tinha que era muito mansa que ajudava muito né e quando nós chegamos lá na no Mato Grosso, Porto Pitaço (Porto Epitácio?), essa égua é... num tinha os exames todo que exigia, a vigilância exigia, nós teve que deixar ela e sacrificaram ela lá, ai a gente veio

trouxe só o carrinho,aqui não existia, não tinha gado leiteiro, não tinha vaca não tinha animal, não tinha nada era um ou outro que tinha, mais era pra região de Ouro Preto, Porto Velho pra lá que era mais antigo, lá tinha Ji-paraná que tinha talvez mais, era mais povoado né assentamento Ouro Preto um dos primeiros que teve, então era lá, pra lá era mais povoado, mas aqui de Cuiabá aqui, a gente demorou nós demoramos é uma semana pra chegar de Cuiabá aqui porque tinha, existia muita, era muita banca de área muito caminhão atolado e ai chegava, dormia, ficava um dia ,dois dias parado e daí andava mais um pouco. Tinha muito índio, a gente tinha um medo porque lá no Paraná a gente via falar que os índios daqui era carnívoros eles comiam gente e ai é...a criançada tinha muito medo, aqui em Vilhena tinha índio demais, muito índio aqui em Vilhena é...depois que a gente chegou aqui conseguimos...depois de uma semana de Cuiabá nós gastamos uma semana até aqui em Vilhena ai fomo fazer barraca de lona de madrugada. Quando se acordava assim de madrugada na beira do Pires de Sá lá próximo da Unir mais ou menos por ai que era o tal, ali perto do IBAMA por ali e agente morava ali, nós tinha barraca ali e barraco de lona nos fizemos, cada família daquela fizeram e ficamos por ali em Vilhena. Os homens saiam pro mato procurando serviço, trabalhar, roçar fazer uma coisa ou outra, muito difícil é, eu lembro que tinha um chacareiro aqui que era seu João Juiz que ele era Juiz de cartório, fazia casamento, nascimento, essas coisas e tem filho dele aqui em Vilhena o Mario o filho dele às vezes encontro ele na rua e converso com ele mas, na época ele era criança, ele era um que foi padrinho de casamento da minha irmã, e ele era uma pessoa que tinha uma chácara né e plantava, ele doava, ele trazia pra vender batata, mandioca , essas coisas mas ai sobrava e daí ele doava pra nós ele tinha muita dó, muita criança né muita criança as famílias tinham e passando necessidade e ele doava batata pro pessoal, mandioca o que sobrava que não vendia ele doava. E a gente acordava cinco horas da manhã com martelo batendo fazia barraca por dia fazia uma média de 10, 12, 15, 20 barracas chegando gente todo dia e dai depois foi-se espalhando ninguém queria essas terras aqui em volta de Vilhena nem de graça não queria, queria terra boa pra produzir, pra plantar e e...dai ia pro lado de Cerejeiras, de Colorado, Cacoal, Pimenta Bueno o povo não também gostava.

Elisabeth - Então essa informação das terras improdutivas, arenosas aqui de Vilhena... essas informações vocês já obtinham lá no Paraná antes de vir pra cá?

Adilson - Isso, quando tava vindo, se vinha pra para aqui mas, ai a ideia...informações que fosse pra outra região pra pegar terra em outro lugar porque a terra era produtiva e melhor.

Elisabeth - Então na época vocês já conheciam pessoas que já estavam morando, que já estavam assentados aqui nessa região, não?

Adilson - Não. Nada, nada.. alguns viram mas depois a gente tinha pessoas a família que você ficava cinco, dez, quinze anos sem comunicar.

Elisabeth - Certo.

Adilson - Por que não tinha talvez tinha gente conhecida que vinha e depois comunicava mais.

Elisabeth - Certo.

Adilson - E ai você vinha aventurando assim mesmo pra chegar aqui e procurar e dai o que anunciavam muito o governo federal, anunciava muito na Nacional de Brasília e todo mundo tinha um radinho da Nacional de Brasília e ai se ouvia as informação tudo e todo o estado da Amazônia e ai a pessoa vinha baseado nas informações do radio né? e mais muitas coisas ele não falavam no radio né chegava aqui...

Elisabeth - Então, a televisão?

Adilson - A televisão não existia, quando a primeira vez que eu fui assistir em casa foi quando eu tinha 15 anos de idade e meu irmão comprou uma televisão preta e branca à bateria. Eu tinha 15 anos e ele comprou um televisãozinha doze polegadas à bateria e a gente andava 40 km com a bateria pra levar pra carregar quando acabava pra assistir novela. Quando se ia assistir novela, se ligava quando terminado o intervalo desligava pra não gastar bateria e jogo, quando a seleção brasileira ia jogar a gente ia andava 5, 6 km onde tinha uma televisão, juntava vinte, trinta, quarenta pessoas assistindo jogo do brasil e era muito divertido né, hoje tem tudo mais fácil mas parece que o sofrimento é maior hoje, não sei o que acontece né.

Elisabeth - Por que você acha que o sofrimento é maior?

Adilson - Ah, hoje o povo num é... tem o coração muito ruim parece, aquele tempo o povo era mais unido, mais humilde era humilde, tem muita gente humilde hoje mas, o povo hoje tem muita maldade no coração só pensa em si próprio o sistema, o sistema que ficou criado os políticos, nossos representantes, político e religioso também criaram um sistema que assim, a pessoa é cada qual pra si e Deus pra todos e parece que hoje fica mais difícil, aquele tempo era... Tinha amigos nosso que tinha time de futebol primeira coisa lá no Paraná, nós jogava futebol, meus irmãos eu era muito pequeno as nossa família era jogadora de futebol e nós foi criar num [não compreensível] time do Paraná, costa rica, a gente criou um time de futebol lá, costa rica, e ai era diversão do pessoal não tinha igreja, não tinha nada, tinha aquele campo no final de semana.

Elisabeth - Adilson, você como conselheiro da CPT né? Já faz alguns anos né? Desde quando? Eu gostaria que você falasse um pouquinho sobre essa sua participação e a importância da religião na sua experiência de vida.

Adilson - Então, essa... muito importante eu venho de uma família, a família do meu pai é católica, meus avós, a família quase toda é de família católica e minha mãe de família religiosa de evangélicos, ele era religioso católico e ela religiosa, e até tinha assim, minha mãe sofreu muito porque tinha uma... um litígio dentro de casa sobre que tinha que ser católico e minha mãe queria ser evangélica, e ai nisso ela sofreu muito até que ele foi se libertando disso e ela seguiu, ai muito da família minha era religioso e eu no início também. Nós lá tinha só uma igreja e eu ia pra igreja que a minha mãe ia porque eu era apegado na minha mãe e meu irmãos todo era apegado mais na minha mãe, acho que quase todos os filhos são assim, ia pra igreja é... Congregação Cristã e depois é... ai quando saiu esse campo de futebol começamos jogar bola ai os pessoal lá, os evangélicos falavam que nós não podia jogar futebol, jogar baralho, não podia bebe e a gente com treze, quatorze anos nós ia jogar bola e daí a gente foi saindo da igreja, ai tá, mas tudo bem, ai eu fui nessa, eu fui nessa... até depois que a gente veio pra cidade a gente ficava assim, que dos dois lados, meio católico, meio evangélico, depois que a gente..nós veio pra cidade ai sofremos muito ai eu [incompreensível] fiz de tudo um pouco na cidade pra tentar viver na cidade e não consegui, de vendedor, de servente, de trabalhar na empresa de ônibus, de abrir comércio, loja de confecções, de abrir lanchonete, muita coisa e... ai é... mais minha

vontade era o sítio, voltar pro sítio fui criado no sitio, até que surgiu aqui esse, esse aqui em volta de Vilhena. Ai a gente já tinha vendido o sítio, já era casado já tinha os filho pequeno e eu era três filhos que eu tinha pequeno, depois que eu casei vim pra Vilhena pra trabalhar aqui e daí eu é... com vontade de ter uma terra, e agora? como vou ter uma terra? com o quê? Não tenho dinheiro nem pra tratar dos filhos né ai é... ganhava um salário mínimo eu acho mais ou menos na rua, e surgiu um amigo meu falou: é rapaz, tem um acampamento aqui perto e o pessoal tem uma área que eles foram no Incra e o Incra disse que é terra da união e o povo tá ocupando, vamos lá? E ai eu fui junto com eles,era meu sonho e cheguei aqui do lado de lá [não compreensível] na época isso já era em 2002, 2003.

Em 2003 eu conheci esse pessoal, me chamô vim no acampamento e aí começamos uma luta ali. Quando eu cheguei não tinha mais lote o pessoal já tinha demarcado todas, mas tava acampado e falo, “não mas você fique aqui junto que a gente vai dar um jeito não sei o que”... Quando começamos aquilo ali eu tava na época eu tava desempregado , eu tinha inventado uma empresa pra mim trabalha pra ganhar dinheiro, abri a empresa meu nome tava no Serasa no SPC não tinha emprego e com nome sujo e na época era do governo do Fernando Henrique, meu Deus do céu o sofrimento que a gente passava e não conseguia nada, e se pra comprar um bujão de gás era uma dificuldade, se tinha que encarar uma fila de cinquenta, cem pessoas na fila e dinheiro mais difícil ainda e nós naquela época eu falei: eu tenho que dar um jeito de voltar pro sítio ,ai foi quando eu conheci esse acampamento e começamos através do acampamento. Ninguém aqui em Vilhena, ninguém ajudava, ninguém fazia esse trabalho assim social pra ajudar as pessoas, pra informar, aqui em Vilhena é difícil, é até hoje, mas era muito mais que era uma cidade de sulista, e os sulistas a maioria deles quem vem pra cá, eles tem outra visão das coisas e então daí a gente tinha muito dificuldade e foi aonde que um professor, o seu Zé Vilson, que eu conheci ele também, ele vinha no acampamento de vez em quando que ele é filho de um agricultor de lá de Corumbiara, eu conheci o pai dele em Cerejeiras e eu conheci ele aqui e ai ele começou a ajudar, e ai ligava pra um [incompreensível]

Elisabeth - Você sabe mais ou menos qual foi o ano?

Adilson - Isso foi em 2003, 2004 e ai esse professor [incompreensível] ele conheceu o pessoa do MPA que falou: “Óh! tem um padre, um tal de padre, que é advogado ele é bom

nessas causas e ele vai ajudar vocês, ele não cobra, eles trabalha por amor mesmo e essa cara não vai se vender não e toma o telefone dele, ai esse Zé Wilson ligou pro padre Afonso que era um dos coordenadores da Pastoral da Terra na época, e ele era padre e hoje ele não mais, ele é advogado ele tá fazendo o doutorado em.. dá aula na Unir, na Universidade Federal e daí esse, e dai foi onde a gente conheceu esse padre, que era da Pastoral da Terra, ele era coordenador da Pastoral da Terra, a gente conheceu a gente fez contato com ele, inclusive, no dia assim que a gente ligou pra ele, ele não esquece, quando ele veio, porque veio uns pistoleiros junto com uns policiais, tinha mais pistoleiro que policiais, que tava a à paisana era mais pistoleiro que os outros que estava aqui dentro junto, não estavam de farda mas eles vinham com repicada ameaçar os outros, dá tiro no dia que eles vieram pra espantar o pessoal do acampamento, isso fazia mais de anos que o pessoal tava acampado, aí eles davam tiro né, eles davam tiro nas árvores e eles andavam com um litro de cachaça bebendo e dando tiro, e o advogado dele junto daqui de Vilhena, um cidadão aqui de Vilhena, e aí encontrava o pessoal e ameaçava, fazia aquela pressão e nos ligamos pra ele num lugar subindo num morrinho, na hora que eu tava falando com ele os cara dando uns tiros e ai nós falamos: Aí, ô dotô, o sinhô escutou aí o tiro? aí ele falou: Não, eu escutei, eu vou aí essa semana, ele morava em Ji-paraná ele veio e... aí é assim, eu conheci ele ali através do professor comecei a [incompreensível] o acampamento e com ele, ele veio aqui, ele começou [incompreensível] Pastoral da Terra, aí eu vim assim, comecei a acompanhar o movimento, os movimentos da Comissão Pastoral da Terra, sindicato aqui era bem fraquinho quase não existia, e eu comecei a observar a importância da religião porque quem tava mais ligado a Pastoral da Terra é... a Pastoral Social Ecumênica e não é só de católico, nós temos evangélicos que é da coordenação que é os luteranos, nós temos vários pastores Aluizio de Porto Velho, que é... não é luterana, é Presbiteriana, tem várias é... várias religião que tem liderança de Assembleia de várias outras religião não só católico, mas assim, quem mais se importa na época que eu vi que mais se dedicava nessa questão social pelos acampamentos mas acompanhava, era a Pastoral da Terra que era a igreja Católica ligada a alguns padre, alguns padre da igreja católica que é mais interessado nessa questão e é até hoje, não é todos, minoria mas a minoria faz muita diferença e daí ele... ai a gente conheceu a importância da Igreja e eu comecei, eu ficava dividido entre a católica, ai eu conheci a pender mais pra católica comecei a participava mais, participar das ação

acompanhava, e a gente teve muita decepção também dentro da igreja como todas, na política em tudo, e nos movimentos também mas é assim, ai eu vi a importância e tudo é a fé, que essa situação só quero dar um exemplo pra você dessa situação a desse assentamento que é hoje aqui em volta de Vilhena. Nós a Pastoral da Terra acompanha aproximadamente Vilhena e Chupinguaia quarenta processo de regularização fundiária de lotes de dois mil hectares em projeto de regularizar que tá carente de regularização, e muito que as pessoas vivem a quinze anos, mora dentro, trabalhando tem quinze, vinte anos em Novo Plano, tem amiga nossa conhecida lá que estuda faz Agronomia junto com meu filho no último período, e é nascida dentro de Novo Plano e tá nessa situação até hoje, então... E aqui em Vilhena tá na mesma forma em volta de Vilhena a gente vê essa beleza, essa maravilha de lavoura de soja de milho, mas assim, os agricultores pequenos não têm documento não acessa crédito, não consegue nada porque tá tudo irregular, então eu falo a fé caminha junto, eu tinha muita fé porque um dia quando nós tava no acampamento a primeira vez que eu vi esse padre, que ele é amigo meu até hoje e ajuda nós até hoje aqui no assentamento, ele falava assim oh: Tudo tá ligado à fé da pessoa, se você não tiver fé não adianta se lutar por uma coisa que é difícil a situação de vocês, mas não é impossível e você tem que ter fé, tem que lutar e ter fé em Deus e se organizar não esperar por Estado, não esperar pelo que a justiça fala, o que deixa de falar, que muitas vezes e fui procurar o promotor de justiça aqui, ele, o promotor de justiça fala assim que a gente criava [incompreensível] associação pra grilar terra dos outros, e pra cometer crimes falou desse jeito na cara da gente, o promotor de justiça aqui de Vilhena que ta até hoje ai e... ai depois eu falei, eu tive a oportunidade de falar pra ele, “não, aqui era terra da união e o senhor lembra que não era o que o senhor falou pra nós, que era da união que foi retomado e criado o assentamento igual todas as outras aqui de volta, quem tá grilando é esse povo que tão aí grilando pra plantar soja e milho irregular e ainda vai no banco pegá crédito, pegá...”. Consegue fraudar os cartórios, aqui em Vilhena foi cancelado mais de trinta escrituras públicas falsas desses imóveis que os cara tão grilando, os grandes tão grilando prá, prá interesse de uma pessoa e não interesse social então ai a religião, a fé de qualquer religião que seja é fundamental nessa... Principalmente na luta pela terra mas na... pra você agricultor, pra você produzir, pra tudo, porque se você.. A gente trabalha muito na linha assim, voltada pra agro ecologia sem uso de agrotóxico, hoje de tanto sofrimento né e ai

você tem as fases da lua que a gente uso que os antigos, meu vô, minha vó plantava mandioca, por exemplo, vamos plantar mandioca em tal dia é lua minguante e na lua minguante ela não dá praga não, dá isso e funcionava, então funciona até hoje e a pessoa tem que ter fé no que faz se não tiver fé...

Essa tradição, cultura e a fé de produzi de plantar é...sem uso de agrotóxico essa.. hoje é a agro ecologia, a produção orgânica que existe essas palavrado de hoje isso aí já existia, meus avô, meu avó...fazia calda, repelente natural, uma adubação, meu vó, meu pai, meus irmãos mais velhos, a adubação verde com compostagem isso aí já existia não tinha esse nome de agro ecologia ou de produção orgânica, alimento orgânico, hoje é... tem esse nome aí que criaram, mais já existia no passado e funcionava muito bem e na plantação, pra produzir, pra plantar raiz tem uns calendários, naquela época não existia, hoje existe é muito mais fácil, mas era de olhar pra lua, as fases da lua, todas as crianças sabiam as fases da lua, toda criança com doze, dez ,doze anos sabia todas as fases da lua, que lua que nós estamos, que lua que nós tá, se vai capar um porco que lua que vai capa, por quê? pra num bichar, pra não inchar, pra engordar mais....

Elisabeth - E qual é a fase da lua pra capar?

Adilson - Minguante. Então assim você aí...tem tudo isso aí, porque se na minguante você capa, não incha e não bicha, não vai bichar, a capação sara mais rápido, então esses é um dos segredos. Algumas pessoas também tem aquela de capa na lua cheia que engorda mais, que dá mais gordura mais banha o porco, né? É, então tem esses segredos, na planta pra planta mandioca, de planta na lua minguante que não dá muita praga, muito inseto não bicha na raiz e então tudo isso aí já existia, existe ainda até hoje, fruta, fruta você tinha a época pra você colher, pra madurar mais fácil a banana, o mamão, a laranja alguma coisa, fruta que você colhe verde ela tem um tempo ali pra você não precisar de.. pra que ela madure mais fácil e com mais sabor, então isso já existia e hoje aqui nesse assentamento que foi criado, no projeto assentamento Águas Claras, a gente tem muita dificuldade porque hoje é muito uso de agrotóxico, povo acostumou com isso e fica dependente disso aí, mas quanto mais você usa agrotóxico mais praga traz pra sua produção. A gente tem um grupo que nós trabalha aqui na linha da agro ecologia, e tem um grupo de mutirão, que a gente faz mutirão, que é uma tradição antiga que a gente fazia lá no...quando a gente tinha um time

de futebol que o companheiro quebrava uma perna, ou se machucava qualquer coisa, na semana a gente ia na roça dele trabalhar pra ele todo mundo vinte , trinta pessoas ia lá trabalhar pra ele fazer o serviço dele porque o cara tinha se machucado, hoje o povo perdeu isso, essa tradição se a pessoal morre ao vez o vizinho não sabe, não vai ver né? Se.. .quem morreu ou [incompreensível], aquele tempo era mais é... o pessoal é tinha mais é essa tradição e esse olhar pro vizinho [incompreensível] ainda tem gente que fala até hoje, que o vizinho é mais que um parente, um vizinho bão é mais que um parente, porque quando você precisa de um pacote de sal, hoje não precisa muito isso, mas na época, precisa de um sal você não tinha como ir 40 km buscar, era o vizinho.

Elisabeth - Mas hoje você está partindo pro mutirão, não é?

Adilson - Hoje a gente, hoje nós tamo tendo mutirão, a gente já teve aqui em casa no mês de passado. Nós tem um projeto aqui de um grupo que é pequeno ainda que iniciou na região que é do mutirão, e na linha de alimento saudável da agro ecologia produzir de não usar [incompreensível] usar adubação química é muito mais vantajoso já tá comprovado, e a gente mesmo tem várias experiências aqui, nós tem pessoas aqui que tava na linha da produção [incompreensível] de tomate que vivia só mexendo com veneno e um rapaz, um casal novo, e hoje ele tá só na linha da agro ecologia e com muita mais qualidade de vida mais, já quando ele veio, ele já sentindo mal de tanto uso de agrotóxico que ele teve, quando ele sente o cheio ele já sente dor de cabeça essa coisa toda então....

A gente sofre muito aqui no assentamento com esse pessoal que planta lavoura aqui em volta que eles não, não respeitam, eles passam veneno, ventando do jeito que tá hoje eles passam veneno e daí se tiver ventando pra cá atinge tudo a gente aqui. Nós tem muita dificuldade de produzir aqui na frente por isso, mais no fundo não. As nascentes que tem no assentamento, quatro nascente, muito delas tá contaminado porque a enxurrada dali não tem curva de rio, a lei exige, a legislação ambiental exige e fiscalização sanitária que tem a curva de nível barreira de contenção de 30 metros em voltas de assentamento e não existe nada, não tem nada, agente denuncia vizinho fica com raiva da gente, o cara vem lá, ele leva por desaforo se você for lá conversar com ele...

Elisabeth- E vocês já recorreram às autoridades competentes pra solucionar?

Adilson - Já! IDARON, EMATER, sabe de tudo, já vieram já fizeram é... já constataram é o que aconteceu, o crime que aconteceu mais, é assim não tem muito o que fazer [incompreensível] tem uns servidor o outro que [incompreensível] seu Valentim, posso falar o nome dele porque seu Valentim do IDARON é uma pessoa extremamente parceira nisso, ele é uma pessoa que combate mas, é ele lá dentro, então outros não tem posição talvez né, por causa do Estado também né, que o Estado ele vai fazendo a pessoa um cala-boca talvez e aí a hoje o sistema leva pra isso então aí...

Esse grupo a gente, que a gente tá fazendo, é um projeto de agroindústria voltado pra a agro ecologia, de produzir frutas, industrializar, que é via Pastoral da Terra.

Elisabeth - Quais frutas Adilson?

Adilson - Frutas tropicais, mas que seja voltado pra nossa região e aí são diversas. Esse projeto tá em andamento já foi passado por algumas etapa, provavelmente vai ser aprovado e aqui o assentamento foi contemplado com recurso pra instalar agroindústria dessa e aí esse grupo que a gente já trabalha, nós estamos trabalhando tem uma área reservada aqui, que é um projeto pra uma escola família agrícola, que é primeiro lote e no projeto, um campo de experimental que de repente eu não sei como mas , nós estamos aqui com o IFRO, nós já conversamos de Colorado agrícola né, e já veio um professor aqui que é voltado para a agro ecologia também e fazer parceria. Se não der uma escola, que o projeto do governo não é esse, é acabar as escolas do campo e tá acabando expulsando o povo do campo, tá expulsando o povo do campo porque o pai tem que ir pra cidade levar o filho pra estudar lá, aí o filho vai estudar lá pega gosto pela cidade já não quer mais voltar pro sítio. Meu filho tá estudando lá, meus filho estudou e nós estava morando aqui, eles iam e voltava eles todos hoje tão no sítio, tá trabalhando na cidade mas mora no sítio, meu filho tá na linha da agronomia, e volta vai terminar e ele não pensa de sair daqui, ele quer voltar pro sítio pra trabalhar aqui mas, se a pessoa vai os alunos, criança vai lá pega gosto por outras coisa que não tem nada a ver com a realidade porque criança olha pra esse lado, e daí ele não quer voltar mais. No projeto, é escola do campo, é educação no campo, tem que ser voltado, tem que ter a pedagogia da alternância porque daí o filho vai estudar e vem, e aplica o que ele aprendeu aqui na propriedade com o pai, aí ele vai ganhar dinheiro aqui não vai precisar de ir pra cidade ganhar o que ele ganha lá, ou trabalhar no balcão, se formar de

agrônomo, engenheiro agrônomo e ir pro balcão vender veneno lá numa veterinária alguma coisa, então o projeto nosso não é esse. Com isso, a gente tá tentando fortalecer esse grupo aqui dentro, ali na Flor da Serra tem mais um grupo, associação Flor da Serra que a gente acompanha também que é aproximadamente de umas quinze a vinte família que tá em transição, do processo em transição, não é assim, é produtor agro ecológico já orgânico não, ele tá em processo de transição, as pessoa que quer sair, que viu que não tem jeito mais produzir com veneno e não pode, não deve e quer sair então tá nessa transição.

Elisabeth - Você então se comunica com essa associação? Você presta um tipo de serviço, você vai lá conversa com essa comunidade, é assim?

Adilson - Sim, fazendo informação, fazendo repelente, adubação, compostagem [incompreensível] junto com eles pra eles. A gente aprende mais do que a gente pensa que vai repassar pra eles, nós, da Pastoral da Terra, contratou dois técnicos, contratado que é dessa área da agro ecologia que acompanha os grupos e inicia, iniciou com nós aí nosso grupo vai iniciando com outros, vai fortalecendo com outros. Essa da Flor da Serra ele já vem também esse técnico fazer alguma formação lá, aqui nós tem um engenheiro agrônomo Gustavo, que é da agricultura que as vezes não tá sendo bem usado por motivo do processo do Estado mas, ele é a pessoa fundamental, ele... o projeto dele é agro ecologia ele é agro ecológico.

Elisabeth - Qual instituição?

Adilson - Da secretária de agricultura. Ele é concursado e mas ele só trabalha com agro ecologia ele...uma pessoa muito interessante fazendo trabalho muito bom aqui em Vilhena ajudando muito as pessoas que tem interesse né, pela produção saudável e algumas outra. O sindicato também tem algumas pessoas que se envolvem um pouco nisso daí na linha da agro ecologia mas, aqui no Cone Sul em Vilhena, tem muita dificuldade por conta da expansão do agronegócio e porque as terras é maioria aqui 70% [incompreensível] é terra pública aí quem ocupar, invadir pra plantar soja qualquer coisa aí é, isso ai vai ter garantia dos políticos para tá talvez regularizando pra ele ou financiando. Os pequenos querem acessar crédito nem dez mil real não consegue, e o grande vai lá acessa um milhão com contrato de arrendamento, então isso ai, é uma dificuldade muito grande que os pequenos

tem mais uma coisa importante, Vilhena, na onde eu tenho andado ai a nível de Estado, Vilhena é único município que diferente dos outros na área da agricultura, Vilhena é 94% hoje, deve ser menos, mais o IBGE dizia que é 94% é urbano, município urbano de Vilhena, Chupinguaia 98% é rural, só que hoje não é mais porque é rural em termos porque hoje é só fazenda, grandes fazendas, porque as melhor terras virou só fazenda.

Elisabeth - E essas grandes fazendas estão produzindo o que?

Adilson - Soja e boi de confinamento, boi pra....

Elisabeth - E aqui em Vilhena?

Adilson - Em Vilhena tem um diferencial porque é 94% urbano, era, hoje já não é mais, em Vilhena é o único município eu falo ai com os representantes políticos onde eu vou nas formação. Vilhena é o único município que tem tudo pra ter uma agricultura boa, porque o povo da cidade tá saindo da zona rural, porque antigamente isso aqui não existia, quando eu cheguei aqui em Vilhena, dez anos atrás não existia essas produções aqui em volta de Vilhena era só o setor chacareiro bem dentro do município, perímetro urbano hoje não, hoje aumentou muito, hoje tem muito produção em volta de Vilhena tá aumentando, tem luz para todos, o povo tão voltando por sítio cada dia. Aqui no assentamento tem mudança chegando, aqui se vê toda semana passando três, quatro, cinco mudança ai.

Elisabeth - Esse movimento, qual seria a razão?

Adilson - Eu falo assim, a cidade e principalmente Vilhena é uma das cidades que eu tenho visto o custo de vida é um dos mais caro do Estado. Vilhena é uma cidade que diz que é ela é a cidade mais rica, considerada mais rica do Estado, Pimenteiras é a mais pobre e tão vizinha ali, mas é pelo IBGE é o que eles dizem, mas na verdade aqui em Vilhena tem gente passando fome se é a cidade mais rica, porque tem gente passando fome dentro de Vilhena? Porque não tem agricultura que o povo não produz, o povo quem tá vindo produzindo a maioria 70% da farinha de mandioca que vem pra Vilhena, vem de fora do Estado e aqui era uma região que produz muito pode produzir e que tá comprovado, então o povo tá enxergando isso agora, outra coisa é o incentivo do governo, os governos que teve no poder quando existia o programa luz no campo no passando [incompreensível] quando

eu morava que era moleque, quinze, vinte anos atrás, esse programa luz no campo não era pra todos, era pra quem comprava, e aí isso tem gente que pagou até ano passado esse luz para todos não, luz para todos até essa lâmpadas que foi instalada aqui é gratuita, mas ainda tem o incentivo de pagar menos energia do que na cidade nós aqui, então isso ai incentiva as pessoas pra zona rural é os [incompreensível]

Elisabeth - A infraestrutura, né?

Adilson - É a infraestrutura.

Elisabeth - E essa infraestrutura me parece que aconteceu aqui de forma significativa durante o governo Lula pra cá, ou foi durante já o Fernando Henrique Cardoso, pra cá?

Adilson - Não, não, não foi... Assim, o povo foi embora da cidade a maior parte foi embora da cidade no governo do Fernando Henrique Cardoso é.. Sarney, Fernando Henrique Cardoso, o povo desistiu. Meu irmão na época, que na época fez um financiamento pela FMO (?), é ... pra pagar em oito anos, dez ano, eles teve que.. O banco comprou o gado era pra 21 criação, ele comprou 45 e nós trabalhava de dia e de noite bastante gente, o lote foi penhorado pela justiça porque nós não dava conta de pagar, ninguém pagava, ninguém dava conta de pagar financiamento, e aí hoje é ao contrário, agora hoje esse programa de que esse governo do Lula pra cá é principalmente pra agricultura familiar, verticalização de produção, esse selo pra agroindústria você ser isento de vender produto agrícola , você ter rebate nos PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), aumentar o... Nós não tinha acesso a crédito, hoje o agricultor familiar tem acesso até 160 mil pra crédito, ainda é pouco, é pouco, porque os grande pega um milhão, dois milhões e não paga, ainda que agora a bancada ruralista fez uma pressão tão grande encima desse governo ai golpista, que anistiou a dívida deles do que eles devia milhões e milhões devia pra União e sai das costas de quem? Nossa, de nós pobre, do trabalhadores da cidade, principalmente dos mais pobres da cidade. As multas do IBAMA, que quem mais cometeu crime na zona rural é os plantadores de soja, criador de boi, que mais tem multa aqui em volta de Vilhena é de milhões e milhões aqui vizinho, o caro tem dívida de mais de dois milhões de multa, vizinho aqui, continua desmatando e plantando e agora foi anistiado de tudo.

Elisabeth - Adilson você falou na volta das família pra o campo, né? esse movimento que tá acontecendo muito recente e a gente tem aquela ideia de ah, Vilhena é um solo arenoso, não produz, isso então hoje mudou também com as novas técnicas, é isso?

Adilson - Exatamente! Exatamente! hoje a tecnologia, a tecnologia que tem hoje e as técnicas pra produzir a gente viu só passado na televisão e outras... hoje não, hoje a gente vê na real, aqui dentro desse assentamento não produz que não planta e não é só aqui, em outros lugar e aqui a região de Vilhena é uma região, que eu tava falando, é uma região 94% urbana, tudo que produz vende, já pensou se fechar o posto fiscal, parar de entrar alimento pro Estado aqui em Vilhena como é que fica em uma semana? Cacoal não, Cacoal é uma município rural, agricultura familiar é forte, lá você vai lá...

Elisabeth - Rolim de Moura...

Adilson - Rolim de Moura, sim uai, se vai em Rolim de Moura, Cacoal, Corumbiara, alguns municípios ai que ... se veja a diferença que é na cidade, porque a cidade produz muito alimento, agora o que a gente tem medo é de isso aí, soja e boi e milho, que isso não é alimento, isso aí é alimento de criação que ele vende os [incompreensível] vende pra fora, não gera emprego, o cara que...o vizinho tava reclamando pra mim que dois anos atrás ele foi trabalhar na safra, um assentado pra um fazendeiro, três mil pro safra de operador, pra operar o trator, trabalhar com trator, agora eles baixou pra dois mil e tem um contrato que esse governo ai é... mudou a CLT que ele, o cara, não tem direito, trabalhador não tem direito, trabalha por dois mil real ou quer ou não quer, todo dia tá chegando gente procurando serviço e então é...não tem direito ninguém, ai o cara contrata dois ou três funcionários na época da colheita, e enquanto que na família não, trabalha dez, doze ou paga, eu mesmo tem que pagar diária pra vizinhos sempre, direto tem que tá pegando e vários outros e aqui não, ali o cara contrata no período de noventa dias, dois funcionários por ano e o resto tá parado, então não tem lucro pro município e eles vendem em dólar, se for boi ou se for soja eles vendem em dólar e eles compram direito na fábrica, ele não compram por aqui, não gira nada aqui em Vilhena ele não comprar aqui, o máximo que eles compraram aqui é veneno pra usa, ai mas é pouca coisa.

Elisabeth - Então o capital não circula na região.

Adilson - Não circula na cidade.

Elisabeth - Eu gostaria que você falasse um pouco Adilson do Ademir Jose de Carvalho.

Adilson - Então essa...O povo, o movimento social, sindicato que apoia essa luta pela terra, pela reforma agrária, que luta pela reforma agrária, pela distribuição de terra, honestamente que deveria ser né, que é no Estado de Rondônia é... tem sido um dos pior Estado de conflito no campo e morte por terra e não é do Brasil, tá? O estado que em 2017 matou mais gente do mundo por conflito por terra é Rondônia, não é só do Brasil antes era o Pará né, Pará foi o estado que matou muita gente, 2016, 2017 Rondônia foi o estado de maior estado em número de morte no campo, conflito por terra, e isso ai é o resultado da política do governo federal, da política dos governo que tem administrado, do estado de Rondônia e os políticos de Rondônia, os poderosos de Rondônia e não é diferente, todo mundo fala, todos de Rondônia tem um dizer assim,os movimentos fala: “ah, aquele acampamento, aquele grupo só vai consegui aquela terra se morrer alguém, se derramar sangue”, isso é tradicional, todo mundo fala isso, infelizmente isso tá sendo verdade que a Santa Elina teve um massacre em 90 e, nos anos 90 que morreu quantas pessoas, criaram um assentamento agora recente e tal, e ainda continua morrendo gente lá por conflito pela terra, aqui no assentamento não é diferente, aqui na Fazenda Vilhena teve essa chacina, mataram, queimaram, conflito por terra tão em prol de regularizar alguns imóveis aí é em todos os lugar aqui não foi diferente também, o pessoa falava: “meu Deus do céu, Deus me livre, pode nem pensar uma coisa dessa !”, infelizmente é verdade. Tem um dos companheiro nosso aqui, o Ademir José de Carvalho, que era uma da liderança do acampamento que estava no inicio junto, trabalhava que era assim, ele era um braço direito nosso do grupo nosso aqui e eles sumiram com ele mataram e sumiram com o corpo das 18 horas da tarde até às 6 da manhã do outro dia cedo e até hoje não encontrou, o inquérito foi arquivado porque não achou o corpo, ai o delegado é...não sei que justiça é essa do nosso País que não pode dizer que aconteceu um crime, as pessoa..

Elisabeth - Se não tem corpo né..

Adilson - Se não tem o cadáver não pode dizer que o cara morreu, que o cara foi assassinado, nunca vi isso, a coisa mais fácil que tem um criminoso sumir com um corpo,

então tem muito pra vê...tem muitos crimes que fica abafados que fica... não é desvendado por um desses motivos e aí, o outro motivo porque não tinha familiares aqui ele era separado da mulher, ele tem dois filhos que moram em Chupinguaia com a ex-mulher dele que ele morou com ela lá e depois os irmãos dele de São Paulo descobriu por acaso que tinha sido ele, viu uma matéria num site aqui, que tem um jornalista aqui que ajudava a gente sempre e passava informação e fazia matéria sempre do povo de Vilhena...

Elisabeth - Sabe qual o nome do jornalista?

Adilson - Osias Lábaros. Ele fazia, fazia muita denúncia, matéria no jornal, muita coisa e aí o cara viu de lá de fora os parentes descobriu e aí entrou em contato conseguiu o telefone e.. ele falava da família dele pra mim, mas eu não conhecia fui conversar, até hoje o irmão dele é ameaçado por telefone, o irmão dele começou a ligar e incomodar o delegado. O irmão dele é agente de segurança lá em São Paulo parece, e ele me falou um dia que foi ameaçado aqui em Vilhena pela polícia, pela própria polícia quando ele ligava pra falar que ele ia denunciar, fazer uma coisa e outra e ele ficou de vir aqui o ano passado e até hoje não veio não sei qual o motivo mas, ele falou pra mim que foi ameaçado pela própria polícia e então é assim, o fazendeiro tinha pistoleiro aqui dentro, um suposto fazendeiro é uma pessoa de nome na cidade, médico e fazendeiro...

Elisabeth - Você pode mencionar nome dele?

Adilson - Não quero mencionar, mas a gente denunciou isso há muito tempo, mas eu fui ameaçado de morte por eles, outros foram e esse menino é.. quando ele vinha... os pistoleiros ele conversava e fala com ele mesmo, não tinha medo né e eles falaram que um dia ele ia anoitecer e não ia amanhecer [incompreensível].

Elisabeth - Esse médico está atuando ainda na cidade?

Adilson - Sim, sim, hum...e é médico, é fazendeiro e tem outras pessoas também aqui em Vilhena não é só ele é um grupo, é um grupo, aqui teve pistolagem foi preso dentro aqui, quando tava na ocupação desse imóvel foi preso cinco pistoleiros [incompreensível] pela polícia com armas pesadas dentro do assentamento que fazia pistolagem. Foi denunciado à polícia veio e pegou e com menos de uma semana tava todos eles soltos e vários dele tinha

passagem pela policia, então é assim o problema de Vilhena de quem tem, no Brasil todo, mas aqui em Vilhena também é forte, pesado, então esse rapaz, o Ademir, até hoje a gente não achou o corpo dele tinha notícia que diz que ele tinha sido jogado dentro do poço, em um buraco, a gente procurou muita gente ficou com medo na época de falar, acredito que tenha vizinho que deva ter visto alguma coisa, mas não fala. O suspeito a polícia chegou até ouvir ele depois ele ficou sumido uns seis meses então é porque devia né, quando apareceu a polícia chegou a ouvir ele mas não tem como provar nada, incriminar [incompreensível] dessa forma que funciona, mas o triste é que assim eu não ouvi ali assentamento que não teve morte isso é muito triste primeiro morre pra alguém, pra depois é.. regularizar.

Elisabeth - Adilson, você também faz parte do Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos da Secretaria de Direitos Humanos, né?

Adilson - Sim.

Elisabeth - Do governo federal, desde quando?

Adilson - Eu tô inserido no programa desde ano de 2013, no ano de 2012 existia muita ameaça contra eu aqui no assentamento, quando eu me envolvi mais na Pastoral da Terra ajudando outros grupos em volta, eu fiquei como presidente da Central de Associação no primeiro mandato a gente ficou na central pra tentar organizar a associação, os grupos pra tentar regularizar essas terras e aí eu fiquei na frente envolvendo muito com outras área também, [incompreensível] 2012 tinha muita ameaça, eu tive que ficar fora um tempo e por esse motivo aí, assim, na época da presidenta Dilma a gente tinha muito acesso ao governo federal, alguns programas direto lá o governo federal eu conseguia ir nos ministério, conseguia assim, bastante coisa e adiantou avançava alguma coisa de...

Elisabeth - Essa facilidade de acesso, como seria? Por exemplo, vocês recorrem... essa dificuldade de hoje só pra eu entender um pouquinho, por exemplo quando você falar que durante o governo Dilma o acesso era mais fácil...

Adilson - Sim...

Adilson - Assim, eu falo pela as estruturas mesmo pra assentamento, acesso aos créditos a

habitação minha casa minha vida rural, a luz para todos, várias vezes eu tive reuniões porque a gente tinha, nós também tinha algumas vantagens que o pessoal leva em consideração, mais teve um deputado federal, padre Tom, que era uma das pessoas que fazia a diferença aqui no Estado e fez a nível nacional até, ele foi bem atuante, e aí através deles e por a gente tá ligado ao movimento social, a gente conseguia chegar lá e na secretária e conversar com alguém que você tinha uma informação do que você fazia aqui você vai lá pra entrar por exemplo na secretaria de agricultura, ou na Eletrobrás, na luz para todos, você conseguia entrar e conversar com eles, levar demanda e falar o que tava precisando, o que tava acontecendo aqui na região, muitas vezes você era atendido rápido, as vezes porque aqui na questão de Vilhena em volta de Vilhena tinha uma demanda aqui levantada por político de Vilhena de colocar luz para todos fora do perímetro aqui em volta da cidade porque ia passar por dentro das grandes fazenda pra levar energia pras grandes fazendas para valorizar as fazendas deles e tem denuncia que nós fizemos de curral choceira (?) de sal, de luz para todos que o Estado fizeram 10 km de rede pra levar uma choceira e a gente começou denunciar e levar lá pra eles. Eles mudaram o cronograma do programa e falou vamos levar onde tem gente saindo pra cidade pra fora então algumas coisas, um exemplo disso.

Mas esse era um acesso mais fácil que a gente tinha em conversar com eles, ai conheci a deputada Maria do Rosário, entre outros, deputados o Patrus Ananias que era a pessoa de confiança em prol do MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário) a gente tinha acesso, eu fui também representando Rondônia, representando agricultura familiar em Rondônia por vários tempos, um dos membros no Conselho Estadual de Movimento Rural representando o estado na discussão pra melhoria da agricultura familiar né, e aí fazia um seminário o governo, falo o governo fez muito isso porque eu nunca tinha andado de avião eles bancavam nossa passagem de ida e volta nós tinha voz pra apresentar demanda nossa e falar o que nós achava, o que tinha pra acontecer, que mudar pra agricultura pros crédito e então gente tinha voz nesse governo então se chega lá e fala isso e hoje não tem mais...

Elisabeth - Voz representada né? Por aqueles que vocês elegeram então?

Adilson - Pelos que a gente elegeu, pelas pessoas que nós elegemos. Então isso aí é muito importante porque eu falo assim oh, eu falava por pessoal rapaz [incompreensível] ele

falava que eu era sem-terra, o povo aqui de Vilhena, todo mundo, os policial perseguia eu na rua aqui em Vilhena porque quando eu tava no acampamento porque diz que eu era um grileiro, que eu era sem-terra e era amigo meus antes na rua quando eu tinha empresa, quando eu trabalhava lá, jogava bola junto era amigo meu, e aí quando eu vim aqui, eles viraram muitos deles das autoridade, virou inimigo da gente né, perseguia, multava a gente se tivesse irregular de moto já era e coisas assim de perseguição mesmo né, então é muitas coisas aí depois isso foi mudando aí a gente conseguia. Se eu ia comprava passagem de avião pra mim ir pro seminário de agricultura familiar várias vezes você ia voltava de avião e ficava hospedado no mesmo lugar que os delegado do MDA ficavam que o secretário de agricultura do estado ficava, que o superintende ficava a gente ficava junto, então assim começamos a incomodar, isso aí nós começamos, o povo tinha que olhar você no avião já sabia que você estava mal vestido e ficava né, já torcia o nariz já não dava atenção porque nós só andava de ônibus, ninguém nunca andou de avião, aí depois eu não andei muito de avião, e assim, hoje tem pessoas, agricultor que viaja de avião todo ano que vai de avião. Não existia isso, ninguém andava de avião, é ninguém tinha energia, ninguém tinha internet no sítio, ninguém tinha televisão, não tinha televisão...

Elisabeth - Você tá falando de quais anos?

Adilson - Isso eu te falo pra você isso mudou muito dos anos 2000 pra cá, dos anos 2000 pra cá começou a mudar muita coisa, agora o forte mesmo é de uns 10 anos pra cá que mudou bastante, foi de uns 10 anos pra cá e tomara que as coisa não [incompreensível] porque nós estamos perdendo muito direito que nós conseguiu nesse tempo que nós batalhamos pra conseguir esse PRONAF, [incompreensível] eu fui lá falando que que nós achava aqui pra mudar a carência que tinha [incompreensível] de carência, que tinha que ser menor o juro e nós fomos atendido, não é por motivo que eu fui lá levar uma dessa proposta, não foi só eu, foi vários do País todo né, então isso aí foi muito importante pra nossa luta aqui pra fortalecer no assentamento. Hoje eu ando no assentamento aqui, você pode andar em todas casa aqui que você vai ver quase toda casa tem um carro, ou uma moto. Quando eu vinha pro acampamento de bicicleta que nós tava acampado aqui em 2000, 2001, 2002 eu passava, logo que saiu o frigorifico da Friboi nós passava, eu passava ali na frente quase todo dia, aí eles fazia até aqueles estaleiro pra pendurar bicicleta porque

não cabia embaixo e em cima de bicicleta, hoje não cabe carro no estacionamento, moto né, naquele tempo não, então.... energia hoje de todo lugar na zona rural que se vai, tem energia o pessoa tem energia...

Elisabeth - Adilson o que você está produzindo, o que o assentamento tá produzindo, como vocês fazem a distribuição?

Adilson - Então, ainda nós estamos sendo prejudicados muito dessa questão de distribuição e também até por conta dos produto mesmo as pessoas são... nós somos desorganizados, os pequenos agricultores não são bem organizados, então a gente tem dificuldade pra vender algumas coisas por exemplo [incompreensível] eu vou dar um exemplo aqui de que não é culpa nossa só da organização, isso é política, isso é política, o município aqui nós tem uma cooperativa de leite na conquista só um exemplo pra você entender, nós tem uma cooperativa no distrito de nova conquista de pequeno agricultor mais ou menos umas 40 famílias que produz leite e industrializa pra vender, e nós temo grandes laticínios da região e entre eles o laticínio da fazenda Holandesa, que é um laticínio aqui que todo mundo conhece. A merenda escolar desse ano deixou de comprar PA E PNAI que é exclusivo pra agricultura familiar um programa do governo federal de aquisição de alimento pra merenda escolar, que é através da CONAB da EMATER de outras através do governo do estado, aí eles deixou de comprar o leite pra cooperativa e começou a comprar da Holandesa então o governo, os políticos nosso, não tem interesse de ajudar o pequeno, não tem interesse de... seu eu... nós estamos com um projeto aqui instalar uma agroindústria de iogurte pra nós sair do láctico por que o laticínio Holandesa pega leite aqui 80 centavos o litro e aí a gente que consegue, você consegue colocar o seu numa agroindústria de doce, de algum lugar lá que ainda se consegue colocar, eu coloca a 1.70 o litro, os outros vendem a 80 centavos, não pagam o mineral e o pasto e aí a PA e PNAE, o município começou a comprar da fazenda Holandesa e deixou de comprar da cooperativa. Então o incentivo que era pra eles dá pra nós os pequeno, não tem, e a prioridade de vender por PA, PNAE é os projeto de assentamento é... infelizmente nós não conseguimos e também, a gente tem poucas pessoas que tem essa visão de produzir, de que tem que vender pro PNAE porque é um alimento mais saudável que não usa veneno. Quando eu estava o Conselho Municipal do Movimento Rural, o agricultor, tinha agricultor chegou a denúncia pra mim, colocava

furadan (?) na semente da melancia e tava vendendo por PA entregando pra EMATER a melancia, quer dizer talvez meu filho tava lá na escola comendo furadan, furadan é um veneno que foi proibido porque ele mata até a terceira geração, então esse é outros e outros então é... então esse é um dos problema que as vezes desanima, mais a produção nossa aqui ainda é o carro-chefe. São poucas pessoas produzindo, mais é frutas, frangos né, leite, gado leiteiro, leite, pessoal faz queijo [incompreensível] não temos uma agroindústria ainda, tem uma farinheira que ainda já tá a muito tempo instalada e não funciona por falta de energia, e não tá funcionando que é também pra ser uma da produção que é viável pra região, que a gente tá tentando buscar coisa que é viável pro solo, solo arenoso não é muito bom pra produzir milho ou feijão, mas produz abacaxi, mandioca de primeira. Quando a gente criou o assentamento o INCRA [incompreensível] a técnica inviável para o assentamento, mas o cara tá produzindo [incompreensível] o milho dele ali porque nós não pode produzir? E outra coisa, assentamento de reforma agrária não é só pra produzir milho e feijão, é alimento, alimento é porco, é frango é leite, é abacaxi é mandioca, é citra., é batata então é nós conseguimos também que criasse o assentamento baseado no relatório que a Pastoral da Terra fez pro INCRA baseado no Estatuto da Terra, fez o laudo baseado no Estatuto da Terra, o que é reforma agrária, o que é uma família de agricultor familiar que se entende como produto, produto vindo de produção familiar, e aí baseado nisso que criou assentamento. Na época disse que era inviável porque não produzia nada, mas produz, [incompreensível] a gente compra pouca coisa, aqui a gente não compra carne, não comprar...

Elisabeth - É quase autossuficiente...

Adilson - É então, falta melhorar bastante, mas de vagar a gente vai conseguindo, a gente conseguir acessar crédito né [incompreensível] o pessoal consegue acessar e isso aí foi melhorando, tem muita irregularidade por conta das autoridades competentes, muita irregularidades, muita venda de terra ilegal, muitas pessoas ilegal ocupando e isso é uma denúncia que tem sido feito no geral mais também que a gente tem feito em prol de irregularidade nos assentamento, mas existe muito tem pessoas que pegou a habitação não mora, não usa tem outros que não tem então... mas é falta dos poderes públicos de gestão né...

Elisabeth - A política pública voltada pra agricultura familiar.

Adilson - Isso.

Elisabeth - Adilson, muito obrigada.